



FIGURA 6: Atuação dos “Doutores da Brincadeira” no Hospital da FAP

FONTE: Arquivo pessoal

Assim como a atuação do grupo de voluntários foi analisada, a postura das crianças e responsáveis também foi inicialmente percebível a presença de material didático a exemplo de papel, caneta, lápis de cor, jogos educativos entre outros, mas pouco se viu a interação das crianças com tais materiais, pois os componentes da equipe enfocam um pouco mais o brincar, as brincadeiras lúdicas e os momentos que envolvem uma relação ensino e aprendizagem pouco são explorados. De tal modo que, se houver incentivo haverá um desejo de cada criança a fazer uso de papel, caneta e similares, porém se não houver eles poucos utilizar-se de tais mecanismos. Portanto haveria um melhor resultado de tais ações se houvesse uma razão mais forte que incentivasse tal prática, a exemplo de um projeto de leitura, um concurso de jogos ou algo nesse contexto, aí sim teríamos um processo ensino e aprendizagem vantajosa e satisfatória para ambas as partes envolvidas.

3 A NOVA EDUCAÇÃO, A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES E CONDIÇÕES DOS ALUNOS.

De acordo com os escritos que estão expostos na LDB (Lei de Diretrizes e Bases) é possível concluirmos que a educação começa nos primeiros anos de vida e o aprendizado se estende por toda a existência do educando, tendo a formação do educador como prioridade para um desempenho de qualidade do aluno, bem como para o processo de ensino e aprendizagem dos mesmos. Ao se considerar a primeira etapa da educação básica, tendo a mesma como finalidade o desenvolvimento da criança é possível se afirmar que é dever do estado efetivar e garantir o atendimento gratuito em creches, pré-escolas e escolas a todas as crianças que procurarem a rede pública de ensino do seu município ou estado. (LDB art. 4º).

Ainda analisando os artigos explícitos na LDB é facilmente reconhecível a necessidade da qualificação profissional para todos aqueles que atuam na educação básica (LDB art. 62 e 87). Portanto, a partir do que diz a Lei, é necessário levarmos em conta que o Estado⁵ busca cumprir o que temos como bússola e a partir de então far-se-á necessário uma postura justa e ética dos nossos educadores perante uma sociedade desnordeada e em busca de algo que preencha suas vidas e mentes com resultados proveitosos e eficazes para sua maturidade.

De modo que, como professores temos a necessidade de garantirmos aos nossos alunos uma educação de qualidade, proveitosa e que nos deem prazer. Portanto, faz-se necessário um processo que atenda aos nossos objetivos, que nos possibilite condições de aprendizado e que nos façam lograr êxito em possíveis processos avaliativos.

O mestre Paulo Freire, em um dos seus discursos enfatizou que “não há docência sem discência, que quem aprende ensina ao aprender, pois quem ensina, ensina alguma coisa a alguém e que a *ação de ensinar inexistente sem a ação do aprender*” (grifo nosso) (FREIRE, 1996, pág. 23). Eugênio Mussak, ao comentar os escritos de Içamitiba, em um momento contrário ao de Freire dizia que “ninguém passa pela vida sem aprender e sem ensinar” (TIBA, 2012, pág. 15).

Desta feita diante desse cenário atual da educação brasileira, marcado por diversos avanços, torna-se um desafio e se faz necessário que haja uma reflexão na formação dos profissionais da educação e na busca de melhores propostas para a qualificação de tais profissionais.

⁵ Estado - Nesse caso refere-se ao órgão público responsável pela educação dos indivíduos.

No que diz respeito à condição do aluno, ao observarmos atentamente uma turma de sala de aula, nota-se em primeiro lugar um ambiente “artificial”, diferente do ambiente natural existente fora da escola; em segundo lugar, vemos um grupo de alunos que apresentam, ao mesmo tempo, características comuns e diferenciadas. As principais características comuns a todos os alunos são: busca pela independência, o desejo de aprender e as expectativas em relação à escola. Vemos que quase a totalidade dos alunos pertence a uma geração em constante crescimento, para o qual depende em grande parte das gerações adultas, seja qual for à idade dos alunos, todos pretendem ter uma profissão e se tornarem independentes.

Por mais que a escola seja inadequada e não estimule de forma satisfatória o desejo de aprender e a curiosidade, estas características são comuns a todos os alunos. Mesmo aqueles cujo desempenho escolar é fraco ou que “fracassam”, se apesar de tudo permanecem na escola é porque querem aprender e esperam conseguir fazê-lo. Compete ao corpo docente organizar suas atividades de forma a, cada vez mais atender ao impulso de todos os alunos, que é o de aprender sempre mais. Para tanto, precisa adequar-se à realidade dos alunos e utilizar os melhores recursos e métodos. O trabalho do professor em sala de aula e o seu relacionamento com os alunos são expressos pela relação que ele tem com a sociedade e com a cultura, ou seja, com o ambiente de convívio.

Portanto, desta feita entende-se que o modo de agir do educador colabora e muito para uma adequada aprendizagem e com isso o resultado de tal prática será refletido nos valores da sociedade, de tal modo se faz necessário que o educador reveja suas práticas e busque trabalhar com amor e com sinceridade, dando o melhor de si por cada aluno que passa por nossas mãos.

3.1 O PROFESSOR E OS ALUNOS

O processo ensino-aprendizagem inclui tanto aquele que aprende (o aluno) como aquele que ensina (o professor). Ambos estão envolvidos nesse processo de ensinar e aprender. Existindo o sujeito que ensina, representado pelo professor, e um sujeito que aprende que é o aluno. O ato de ensinar e aprender acontece em “sujeitos humanos”. Diante desse fato, pode-se afirmar que não há ensino-aprendizagem sem que haja uma relação entre esses sujeitos e que a aprendizagem depende do relacionamento entre eles e dos fatores que envolvem essa relação.

Os alunos levam para a escola elementos muito importantes, que é o desejo de aprender, de ser valorizado, de ser amado; do outro lado temos o professor que espera ser valorizado pelos alunos, pelos colegas de trabalho e pelos pais dos alunos; esses sentimentos estão presentes na relação professor-aluno e devem sempre lutar para que isso aconteça. Quando nos relacionamos, esses desejos são passados pelas nossas atitudes, e muitas vezes nem nos damos conta disso; por isso é necessário estarmos atento à forma de lidar com esses elementos, para que eles possam ser motivadores e não desmotivadores do processo de aprendizagem.

O educador deve estar atento em suas atitudes para que ele possa contribuir de diferentes maneiras para a real aprendizagem dos alunos, pois a sala de aula é uma grande rede de interações. E, para que essa funcione como meio de aprendizagem é muito importante que haja uma boa interação entre o professor e os alunos, bem como um ambiente propício ao lúdico, ao riso, ao desenvolvimento de forma concreta, eficaz nos meios que envolvam tais mecanismos favoráveis a aprendizagem.

Baseado em escritos citado por GADOTTI (1999), é possível declararmos que *“para o educador pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de quem sabe tudo, mas se faz necessário que ele reconheça que até mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: que é o da vida”* (grifo nosso). Partindo desse pressuposto, o aluno sente-se mais motivado e começa a sentir prazer ao estar na sala de aula. Ou seja, a partir do momento que ele sabe que todos estão no mesmo patamar intelectual, a aprendizagem irá acontecer espontaneamente nos alunos, pois será uma tarefa que cumprem com satisfação e não com obrigação. Por isso, é de fundamental importância que o professor tenha em mente que seu papel é de facilitador e para que isso aconteça, precisa se igualar aos alunos para adquirir confiança e credibilidade.

3.2 A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O desejo de uma sociedade moderna tem gerado alguns debates e até conflitos a respeito da formação do indivíduo integrante e participante do meio social. De tal forma que as novas tecnologias têm ocupado um lugar de honra na vida social das pessoas, tais efeitos tecnológicos fazem com que as coisas sejam mais ágeis, rápidas e fáceis, mas por outro lado essa evolução tecnológica tem contribuído para o fim do esforço físico das pessoas e desta forma a comodidade se faz frequente na vida dos indivíduos assim como a falta de

criatividade. DALLARI (1996 apud BARROS, 2005, pag. 4) complementa esta ideia quando comenta esta questão e diz:

A civilização do consumo e da competição econômica desvirtuou totalmente a noção de criança feliz. Em lugar dela colocou, na realidade, a criança acomodada, que deve buscar distração olhando passivamente as imagens de televisão ou usando, como um autômato, os brinquedos caros postos à sua disposição. O que se quer, realmente, é que a criança não incomode, mesmo que sua alegria seja apenas aparente, o consumo convencional e padronizado da alegria, que mata na criança a capacidade de ser espontânea e de ter a felicidade autêntica, que brota do seu espírito. (DALLARI apud BARROS, 2005, pág.4).

A respeito do mesmo assunto MARCELLINO (1988, p. 61), ainda diz que;

...dentro da sala de aula, o que se verifica, na maioria das vezes, é o estabelecimento de regras disciplinares de modo arbitrário. Além disso, pode-se perceber a não explicitação dessas regras e a exigência do seu cumprimento é feita com base em ameaças e punições. (MARCELLINO, 1988, pág. 61).

Ou seja, considerando o que diz o autor mencionado anteriormente percebe-se que em muitas escolas da nossa atualidade não é diferente, pois ainda encontramos escolas tradicionais, onde o que importa é apenas a transmissão de conteúdos prontos, não permitindo assim, aos alunos expor suas ideias, opiniões, ou simplesmente falar, criar ou movimentar-se.

Ao chegar às salas de aula as crianças trazem consigo muita energia e quase sempre elas não conseguem ficar quietas por muito tempo como é esperado por muitos educadores, e por tais ações são condenados a ficarem sentados e calados por cerca de quatro horas seguidas. De tal forma, faz-se necessário que os educadores considerem a atitude da criança e mudem seus conceitos e sua metodologia em sala de aula, permitindo que a brincadeira, os movimentos e os momentos de descontração possibilitem uma melhor aprendizagem.

A respeito desta questão FREIRE, complementa que:

Vejam uma regra incompreensível para as crianças: para aprender o que se ensina na escola é preciso ficar sentado numa cadeira, sem se mexer, sem se falar. Tanto é que, em qualquer oportunidade que apareça, as crianças as transgridem. (FREIRE, 1997, pág. 162).

Ou, de acordo com MALUF (2003, pág. 28) ela diz que; *a escola esqueceu a brincadeira, na sala de aula ou é utilizada como um papel didático, ou é considerada perda*

de tempo; pois até no recreio a criança convive com diversas proibições, assim como são proibidas em clubes, condomínios etc. (grifo nosso).

De tal modo que é isso o que vemos em sala de aula; regras e punições, tendo assim um ambiente propício ao stress, à tristeza e a monotonia do dia a dia. Portanto se faz necessário que mudemos nossos conceitos a respeito do ambiente da sala de aula, assim como nossos métodos de ministrar as aulas. É verdade quem nem sempre é possível termos uma aula lúdica e incorporada por brincadeiras, mas também não é necessário termos apenas aulas tradicionais, as quais chateiam alunos e estressam professores.

3.3 AS CRIANÇAS E AS BRINCADEIRAS NA SALA DE AULA

Enfatizar as brincadeiras, jogos, músicas, teatros e ações semelhantes, são fontes riquíssimas de “arrancar” da criança em sala de aula, pequenas expressões do tipo: um sorriso meigo, discreto, curioso, gargalhadas tímidas ou aquelas bastante barulhentas.

Como citamos anteriormente, para conseguirmos um sorriso é necessário que tenhamos um motivo para despertá-lo e na sala de aula não é diferente; aliás, é principalmente na escola que precisamos de motivos para despertar o riso e a alegria daqueles que embora sejam pequeninos, muitas das vezes não tem mais o sorriso singelo da criança.

Infelizmente nos dias atuais recebemos em nossas salas de aulas crianças muito pequena e já tão cheia de problemas, de traumas e muitas vezes não têm prazer no riso, nem tampouco nas brincadeiras. Então é nesse momento que o educador deve agir com carinho, com paciência e com sabedoria para não ferir ainda mais aquela criança, e suas ações naquele momento deve ter como finalidade despertar a emoção guardada na criança, a fim de propiciar a ela o resultado final que é momento de descontração e felicidade mesmo que seja temporária.

Para a formação de criança pequena o brincar e o sorrir é essencial, de tal modo que se torna necessário trabalhar o lúdico na sala de aula de maneira que as nossas ações venham contribuir para o desenvolvimento integral da criança, de maneira que é por meio da brincadeira que ele aprende a respeitar regras, ampliar seu relacionamento social e respeitar a si mesma e aos outros.

BARROS (2005, pág. 2) ainda contribui dizendo que:

No brincar a criança se humaniza, aprendendo conciliar de forma efetiva a afirmação de si mesma à criação de vínculos efetivos duradouros. É brincando que a criança encontra resistência e descobre manobras para enfrentar o desafio de andar com as próprias pernas e pensar, aos poucos com a própria cabeça, assumindo a responsabilidade por seus atos. (BARROS, 2005, pág. 2).

O momento de descontração e camaradagem na sala de aula proporciona momentos ímpares, ou seja, momentos de afeto, prazer e companhia aos alunos e professores, oportunizando-os a compartilharem uma interação agradável, e através desse convívio estabelecer uma maior confiança entre si, possibilitando assim uma melhor e maior confiança, fortalecendo cada vez mais o relacionamento de educando e educadores.

É por meio da ludicidade e da brincadeira que a criança se expressa com maior facilidade (ouvir, respeitar, discordar, liderar, ser liderado) tudo isso compete à alegria do brincar; por outro lado, um ambiente sério e desprovido de brincadeiras, risos e motivações acabam constringendo os educandos e deixando-os sem expressão ou até mesmo sem sentimentos.

Diante desta questão DOHME (2003, pág.125) contribui enfatizando que:

...cada vez é mais crescente a dificuldade que crianças e jovens tem de emitirem as suas opiniões. Um clima massificante, insuflado por modismo tolhe, até mesmo envergonha-os de ter suas próprias opiniões. (DOHME, 2003, pág. 125).

É tanto que, com as brincadeiras as crianças aprendem a viver e conviver com determinadas regras, passando assim a respeitá-las e cumpri-las, não por meio de punições, mas por compreenderem sua importância para um melhor convívio social. Pois, é através da brincadeira, que podemos avaliar o comportamento de cada criança, uma vez que brincando elas expressam suas atitudes e seu modo de ser, demonstrando assim na realidade quem são e como estão sendo formada sua personalidade.

De tal modo que a partir de todas essas observações é possível concluirmos que a brincadeira, o riso e o lúdico propiciam as crianças uma melhor formação assim como permitem aos alunos e professores uma melhor interação entre ambos no âmbito da sala de aula bem como em todos os momentos da vida da criança.

3.4 AS CRIANÇAS APRENDEM E REPRODUZEM AQUILO QUE VIVENCIAM

Em uma das suas falas, Paulo Freire enfoca que “... *se a educação não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda...*”. Portanto ficamos a nos indagar como seria um processo de ensino e aprendizagem enfatizando somente o brincar, sendo a brincadeira de várias formas? Sabemos que o ambiente da educação infantil é mais propício as brincadeiras do que ensino fundamental, mas como seria possível uma aula dinâmica, divertida e a partir de brincadeiras no ensino fundamental?

Sabemos que a criança reproduz tudo que aprende, se ela é mal tratada, violentada, e vive num ambiente de dor, tristeza e desestrutura familiar, conseqüentemente ela reproduzirá tudo aquilo que está vivenciando. Porém, se ela convive num ambiente alegre, de paz, e que lhes dá prazer, ela também será uma criança que transmitirá alegria, confiança, e terá prazer em tudo que realiza, seja na escola ou em qualquer outro lugar por onde ela passar. Claro que a criança reproduz o que se aprende, daí então a melhor forma de aprender é brincando com prazer e alegria e aprender brincando é a melhor coisa que há, é gostoso, é leve, é eficaz, é desafio fácil de ser conquistado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo esta leitura e ao analisar todo o contexto do que por nós já foi relatado é possível compreender que quando retratamos histórias a respeito do riso logo vem a nossa mente a ideia de palhaço, palhaçada, espetáculo entre outras ações parecidas; tendo em vista que a ideia do riso é sinônimo de alegria, alto astral e faces abrilhantadas pelo leve mover dos lábios ou até mesmo por barulhentas gargalhadas.

De tal modo, que este trabalho de conclusão de curso (monografia) tem como anseio mostrar as possíveis causas que são alcançadas ao se fazer uso do riso através do processo de ensino e aprendizagem, pois, ao término deste chegamos à conclusão que o ato do riso, assim como o uso do lúdico e da brincadeira em sala de aula é fator determinante na aprendizagem dos discentes e no relacionamento em sala, bem como no seu convívio enquanto cidadão e integrante da sociedade.

Ao levantarmos as pesquisas a respeito do nosso tema abordado (O riso no processo ensino e aprendizagem), chegamos à conclusão de que muitas coisas do que acontece em sala de aula é resultado da prática efetivada pelo educador, de tal modo que as ações e reações das crianças são o resultado da ação do educador.

Diante de tais afirmações observadas a partir dessas pesquisas, é necessário que os educadores que fazem a opção por tal profissão tenham em mente que será um semeador de ideias, um facilitador do aprendizado, portanto cabe a cada profissional da educação ou indivíduo que deseja adentrar na mesma, fazer uma análise de sua prática e seus objetivos na profissão em que estão. Ensinar não é fácil, não é para qualquer um, nem tampouco se ensina de qualquer forma, é necessário amor, motivação e vontade para modificar essas antigas práticas.

Nossas interferências, depois de tudo que foi lido e exposto neste trabalho, leva nos a entender que todo o contexto do riso traz para a nossa história, principalmente para a nossa atualidade conceitos extraordinários, pois através do contexto da época temos uma melhor contribuição das suas ações, causas e efeitos; assim como a contribuição dos voluntários dos “Doutores da Brincadeira” também nos traz contribuições riquíssimas, através dos seus feitos, ações e ideias.

Portanto, temos exposto nestas páginas as contribuições do riso para a nossa sociedade; as ações de um grupo filantrópico que leva a alegria aos hospitais demonstrando assim que até mesmo num ambiente de dor e tristeza faz-se necessário um pouco de brincadeiras e alegria; e por fim trazemos uma ideia de como deveria ser uma sala de aula e o processo de ensino e

aprendizagem, o qual referencia o lúdico, o riso e as brincadeiras como principal fator para uma boa aprendizagem.

Sendo assim, ler estes escritos é mergulhar no cômico que se efetivou no passado, que faz parte do presente e que certamente mudará a história do futuro; é adentrar num mundo de alegria e esperança por meio da atuação dos bestiologistas e por fim, é conhecer as ideias de abrilhantar as salas de aulas com alegria e altivez por meio de simples ações que custam tão pouco mais que infelizmente ainda não compõem o currículo das escolas, tampouco da sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANNAUD, Jean-Jacques. **O nome da rosa**. [Filme] Itália, 1986.

ARAÚJO, Eugênio Felipe A. de. **Caderno de Textículos**. (selecionado para voluntários) Campina Grande PB, 2007.

BAKHTIN, Mikail. **Cultura Popular na Idade Média**. O contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

BARROS, João Luiz da Costa. **O elemento lúdico no processo de aprendizagem**. São Paulo: Universidade Metodista de Piracicaba, 2005. Apostila

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases. Disponível em
<portalmeec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/leinº9394.pdf> Acesso em 15.11.12

CARDOSO, Silvia Helena. A origem do sorriso: cultural ou genética? Disponível em:
<<http://www.cerebromente.org.br/n15/mente/sorriso12.html>> Acesso em: 27.06.12

DOHME, Vânia. **Atividades lúdicas na educação infantil**: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. **O adolescente**, Editorial Presença, Podrósstok, 1875.

EIBL-EIBESFELDT, Irenaus. **Grundriss der Vergleichenden Verhaltensforschung**. Piper Verlag, 1974.

FEURBACH, Ludwing. **Grundsätze der Philosophie der Zukunft** (bases da filosofia do futuro).

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: Teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREUD, Sigmund. **O amor no futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos** (1927-1931). Rio de Janeiro. Imago editora, 2006.

HARRISON, Jonh Kent. **Helena de Troia**. [Filme], 2003. Baseado no poema de Homero, 174 minutos.

LEFEBVRE, Henri. **De l' État 4. Les Contradictions de l' ètat moderne**. Paris, UGE, 1978.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar**: prazer e aprendizado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. A sala de aula como espaço para o “jogo do saber”. In: Morais, Regis de. **Sala de aula**: Que espaço é esse. Campinas, SP: Papirus,1988.

MENCKEN, Henry Louis. **O livro dos insultos**. São Paulo. Editora Shwarcs, 2009.

MINOIS, George. **História do Riso e do Escárnio**, Editora da UNESP, 2003.

RAFFESTIN, Claude. **Pour une Geographie du Pouvoir**. Copyright Litec, Paris, 1980.

SCORSESE, Martim. **Ilha do Medo**. [Filme] EUA. 2010.

SHADYAC, Tom. **O Amor é Contagioso**. [Filme] EUA, 1998.

TIBA, Içami. **Pais e Educadores de alta Performance**, São Paulo, Integrare,2012.

ANEXOS



FIGURA1: Voluntários do “Projeto Doutores da BR! NCADEiRA”. Na maratona de estreia da turma 11.2 em setembro de 2012 – PRAC – UFCG.



Figura 2: Membros da equipe do “Projeto Doutores da BR!NCADEiRA” com atuação na CLIPSI.

APÊNDICES